



A Representação da Morte no Balanço Geral Espírito Santo¹

Juliana Benichio LEITE²

Prof. Dr. Rafael da Silva Paes HENRIQUES³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a representação da morte nas reportagens do telejornal Balanço Geral Espírito Santo, transmitido pela TV Vitória, afiliada da rede Record de Televisão no Espírito Santo. O trabalho é resultado das atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa da UFES, “Telejornalismo e Produção de Sentidos”, coordenado pelo professor Rafael Paes Henriques. Como corpus empírico, analisamos 15 edições do programa exibidas no mês de junho de 2015. Como suporte metodológico, utilizamos os operadores de análise desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Análise em Telejornalismo, da Universidade Federal da Bahia (GPAT – UFBA), e as demais referências bibliográficas estudadas. Chegamos a conclusão de que a morte é tratada com superficialidade pelo telejornal, sendo espetacularizada e banalizada.

Palavras-chave: Telejornalismo; Sensacionalismo; Espetacularização; Morte; Balanço Geral ES.

Introdução

Vivemos, atualmente, em uma sociedade midiaticizada. Nossas concepções são construídas através dos conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação, que funcionam como intermediários entre as relações. A televisão, sendo tão presente no cotidiano dos brasileiros, pode ser considerada um dos meios mais influentes no processo de formação de opinião das pessoas. É uma fonte de informação e entretenimento, tendo também a capacidade de proporcionar discussões entre as

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XXXVIII Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, realizado de 4 a 7 de setembro de 2015.

² Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Ufes, email: benichiojuliana@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da Ufes, email: rafaelpaesh@gmail.com.



diferentes classes sociais. “Com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo” (BOURDIEU, 1997, p.18).

Diante de tal amplitude e alcance social, os sentidos veiculados por esse instrumento ganham grande abrangência e credibilidade. Apesar disso, é possível afirmar que a TV possui pouca autonomia ao pensarmos que se trata de um campo que sofre interferências e pressões políticas e mercadológicas. Como afirmam Muniz Sodré e Raquel Paiva, “A televisão, como um sistema, é uma ambiência abrangente, que implica todo um estilo de vida, a reboque do mercado e da estetização orquestrada pela tecnologia comunicacional” (SODRÉ, PAIVA, 2002, p.130).

Elizabeth Bastos Duarte e Vanessa Curvello (2009) afirmam que todo subgênero televisual possui um tom que lhe é adequado. O telejornal, por exemplo, tem como tom a credibilidade, a singularidade dos fatos noticiados, a seriedade. Entretanto, os produtos podem modificar tal tom, substituindo ou introduzindo novas combinações tonais. Os telejornais possuem um lugar privilegiado nas emissoras televisivas e, atualmente, têm passado por significativas transformações. O papel informativo, de formação de opinião pública com base nos princípios éticos e morais divide espaço com os interesses mercadológicos e conteúdos espetacularizados.

Na busca pela audiência, os telejornais passam a procurar estratégias de comunicação que ampliem o mercado consumidor a medida que aproximam-se do público. “Levadas pela concorrência por fatias de mercado, as televisões recorrem, cada vez mais aos velhos truques dos jornais sensacionalistas (...)” (BOURDIEU, 1997, p. 73).

O telejornalismo sensacionalista apresenta um conteúdo espetacularizado com o objetivo de obter a atenção e fidelidade da audiência, atuando na produção de sentidos, com forte apelo emocional através, principalmente, da transmissão e repetição atrativa de imagens e sons. Ao tratar a morte como espetáculo, esses telejornais a tornam mais impressionante e urgente para o telespectador.

Nesse contexto, o presente artigo ocupa-se em analisar como a morte é representada no telejornal capixaba Balanço Geral Espírito Santo. Primeiramente, são expostos os conceitos de sensacionalismo no telejornalismo e do espetáculo na sociedade. Em seguida, é apresentada a metodologia utilizada para a análise do objeto. Por fim, após a descrição do Balanço Geral ES, os conceitos aqui discutidos são aplicados na análise.

O Sensacionalismo no Telejornalismo

Os programas televisivos, em meio as constantes disputas pela audiência, têm utilizado cada vez mais de conteúdos que beiram ao espetáculo. Para Guy Debord (2003),

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação (DEBORD, 2003, p.13).

Na sociedade do espetáculo, a televisão é um dos responsáveis pela mediação entre as relações sociais através de imagens de diversos formatos. Bourdieu (1997) afirma que “A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico” (BOURDIEU, 1997, p.25). No telejornalismo sensacionalista isso não é diferente. O real é projetado pelo espetáculo, as notícias consistem no grotesco, no polêmico, no sentimentalismo exacerbado, que transformam os fatos em algo sensacional, extraordinário. O objetivo é trabalhar com a carga emocional do público através do exagero, do escândalo, da apelação e repetição de imagens na cobertura dos fatos jornalísticos. Dessa forma, pretende-se atrair a atenção da audiência.

Os jornais televisivos sensacionalistas, portanto, superdimensionam os fatos, indo além do real. As notícias são espetacularizadas de tal forma que são carentes de profundidade, vazias de teor crítico. Por isso têm, na maioria das vezes, a credibilidade questionada. Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002), afirmam que:

[...] predominam hoje dois padrões de programação: o “de qualidade”, ou seja, esteticamente *clean*, bem comportado em termos morais e visuais e sempre fingindo jogar do lado da “cultura”, e o do grotesco, em que se desenvolvem as estratégias mais agressivas pela hegemonia de audiência (SODRÉ, PAIVA, 2002, p.130).

Há nos telejornais critérios de seleção daquilo que será transmitido na televisão. Ao se submeter aos interesses do mercado consumidor, os telejornais acabam por, de acordo com Bourdieu (1997), ocultar mostrando, isto é, apresentado algo diferente – ou de uma maneira diferente – daquilo que deveria ter sido realmente exposto. Para o autor, os telejornais sensacionalistas exercem uma violência simbólica ao dar espaço de seu tempo valioso, que poderia ser utilizado para transmitir fatos importantes à sociedade, para mostrar notícias fúteis, sem relevância.



[...] o tempo é algo extremamente raro na televisão. E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas (BOURDIEU, 1997, p.23).

Portanto, a realidade apresentada pelos telejornais é construída baseada nos interesses de produção e consumo que envolvem as emissoras televisivas. “A notícia é uma construção e não uma representação fiel da realidade” (GOMES, 2011, p.21). Bourdieu aponta que “os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p.25). A seleção, no caso dos jornais sensacionalistas, é baseada na busca do espetacular. Adelmo Genro Filho (1987), afirma que o critério jornalístico de uma informação está conectada à projeção de determinado acontecimento por um ângulo singular. Porém, o conteúdo, mesmo que extremamente factual, não deixa de, contraditoriamente, compor certo grau de interpretação dos fenômenos.

Por outro lado, vale ressaltar que a relação entre o enunciador e o receptor não é de dominante e dominado. Jesús Martín-Barbero (2002) aponta que “o processo de recepção é um processo de interação [...], é um processo de negociação do sentido” (BARBERO, 2002, p.57). Ou seja, o receptor é visto como sujeito, como parte do processo comunicacional e não apenas uma vítima.

Para este artigo, analisa-se o telejornal Balanço Geral ES, que apresenta características do sensacionalismo. O objetivo é identificar como o programa representa a morte em suas reportagens.

Metodologia

Para a análise, nos apoiamos nos recursos metodológicos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Análise de Telejornalismo, da Universidade Federal da Bahia (GPAT – Ufba), coordenado pela professora Itânia Maria Mota Gomes. Utilizamos os seguintes operadores de análise: os mediadores, o contexto comunicativo, o texto verbal, a organização temática e o pacto sobre o papel do jornalismo.

Identificamos os vínculos que os mediadores estabelecem com a audiência e como isso contribui para a construção da credibilidade do programa. Além disso, por meio do texto verbal, observamos as estratégias argumentativas e persuasivas do programa. Também analisamos o contexto comunicativo que se insere o programa, “contexto que



compreende tanto emissor, quanto receptor e mais as circunstâncias espaciais e temporais em que o processo comunicativo se dá” (GOMES, 2011, p. 39). Verificamos também como as editorias do Balanço Geral ES são organizadas e como o telejornal cumpre com o pacto sobre o papel do jornalismo, isto é, como “[...] atualiza as premissas, os valores, normas e convenções que constituem o jornalismo como instituição social de certo tipo [...]” (GOMES, 2011, p.39).

Através da articulação entre os operadores citados, é possível identificar quais são os atuais modos de endereçamento do telejornal Balanço Geral ES, ou seja, como ele “se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais” (GOMES, 2011, p. 36).

A partir daqui, é feita uma breve descrição do telejornal, citando sua emissora, o horário que é exibido, seu apresentador e as demais características do programa relevantes para a análise. Em seguida, é mostrado como visualizamos os conceitos discutidos nesse artigo no objeto de análise, tendo em vista o foco da análise: como a morte é representada nas notícias do Balanço Geral ES?

O espetáculo da morte no Balanço Geral ES

O Balanço Geral ES é um telejornal da TV Vitória, afiliada da Rede Record de Televisão no Espírito Santo, tendo como apresentador o jornalista Amaro Neto. Vai ao ar de segunda a sexta, das 12h30 às 14h e aos sábados, das 12h às 13h.

Foram gravadas e analisadas 15 edições do Balanço Geral ES no mês de junho de 2015. Cada uma delas tem cerca de 1h30min de duração, com exceção dos sábados, que tem 1h. O programa é dividido em quatro blocos.

Nos telejornais, cada mediador (âncoras, repórteres, comentaristas, correspondentes) estabelece um vínculo com o telespectador. Este, por sua vez, se acostuma com a presença diária/semanal desses mediadores, o que auxilia na construção da credibilidade dos profissionais e, conseqüentemente, do telejornal. No caso do Balanço Geral ES, os repórteres Douglas Camargo, conhecido como “Camargão”, e Vitor Moreno, conhecido como apenas “Moreno” ou “bailarino” (como é chamado pelo apresentador) são figuras populares no programa.

Entretanto, Amaro Neto é a figura central. É a partir dele que o programa se estrutura. Ele possui o papel de condutor-mediador, uma vez que é responsável pela mediação entre o que está sendo anunciado e a audiência, ao mesmo tempo em que conduz o programa. Amaro avalia os fatos, intervindo nas cenas, atribuindo valores a

determinados aspectos das reportagens, gerenciando o tempo, realizando as transições entre os segmentos do telejornal, escolhendo para qual câmera vai se dirigir, qual ângulo quer focar, enfim, se desdobra em diversos papéis.

[...] são por determiandas características, pela imagem construída para si enquanto ator social – mordacidade, ironia, argúcia, descontração – que esses sujeitos normalmente são escolhidos para comandar um programa, no qual devem, enquanto atores discursivos, representar de forma caricaturesca a si mesmos enquanto atores sociais (DUARTE E CURVELLO, 2009, p. 73).

O Balanço Geral ES é um telejornal que explora as cargas emotivas e apelativas, trabalha com a curiosidade, a dramatização exacerbada, o choque, o grotesco e o extraordinário para noticiar os fatos. Amaro circula livremente no amplo cenário do programa. A performance do apresentador é uma estratégia de aproximação com o público. Através da entonação de voz, do comportamento, dos gestos, das atitudes e da linguagem, o apresentador atrai a atenção dos telespectadores.

Um bom exemplo dessa estratégia foi uma reportagem exibida no dia 26 de junho, e que noticiou o assassinato de um homem, morto a facadas. O crime teria sido cometido por usuários de crack, em Vila Velha. Amaro descreve o crime no início de forma irônica, quase debochada. Ele chega a se passar pela vítima, que chama de “simpático”, dizendo que “foi a procura de algo diferenciado para a noite”, “que teve a brilhante ideia de arrumar duas noiadas”, que “pensou que ia pocar uma pedra”. Diz também que o homem assassinado “estava zeradinho, na lona” (faz gesto de dinheiro com os dedos), e que por isso “passaram a faca no simpático” (faz gesto exagerado de facada). Tudo isso para atrair a atenção do público. Em seguida, a repórter conduz a reportagem, expondo uma entrevista com um parente da vítima, que dá sua versão. São exibidas imagens do local do crime – um colchão desarrumado com uma enorme mancha de sangue e resíduos de uso de drogas em uma sala, além da cozinha com alimentos vencidos e louças sujas. O fato é descrito pela repórter e em seguida a matéria é comentada por Amaro, que explica tudo novamente e chama atenção para detalhes, opinando e julgando o assunto. Enquanto ele fala, as imagens se dividem entre ele e as cenas do local do crime.

O Balanço sempre reforça o papel do jornalismo de vigilância, querendo garantir aos telespectadores que está disposto a defender seus direitos ao estar sempre atento aos acontecimentos, realizando denúncias e procurando soluções. Além disso, as imagens também são recursos estratégicos extramamente importantes no programa, pois



fornecem a sensação de veracidade dos fatos. Como que para enfatizar isso, há repetições de imagens em todas as reportagens da amostra, durante a narrativa de Amaro.

As matérias se dividem nas seguintes editorias: criminalidade (policial), prestação de serviços, trânsito e cultura/entretenimento. O Balanço Geral ES é um telejornal em que a editoria de polícia domina quase toda a linha editorial do programa. Do total de 244 reportagens analisadas, 200 são policiais. São em sua maioria sobre tráfico de drogas, operações policiais, assaltos, tiroteios, estupros, brigas, sequestros, atentados e crimes de morte. Das 200, 36 são notícias de morte, seja assassinato, acidente ou alguma enfermidade. Se um assunto gera resultados, no sentido de ter sucesso em atrair a audiência, ele pode ter um longo tempo de exposição no programa, sendo explorado exaustivamente de uma forma rasa, superficial.

As informações descrevem detalhadamente, de modo bastante apelativo, os casos individuais. Foi possível observar que em toda a espetacularização, tudo é meramente factual, focado na dramatização e impacto que causará no público. A crítica, que poderia ser interessante ou relevante para despertar discussões e debates sobre a criminalidade, as precauções, as estatísticas ou o planejamento de políticas públicas, são deixados em segundo plano.

No Balanço Geral ES, a violência é noticiada como espetáculo. São construídos sentimentos de revolta, comoção e decepção social nos telespectadores. Observamos em todas as reportagens da amostra que Amaro tem uma postura didática, repetindo tudo o que foi mostrado na notícia para melhor entendimento do telespectador. Após a matéria ser veiculada, as informações são comentadas e “traduzidas” para o idioma popular pelo apresentador através de uma linguagem coloquial, com uso de gírias e expressões populares. Ele faz isso expressando emoções por meio da entonação de voz, da postura e dos gestos. Tudo isso acompanhado pela repetição das imagens do acontecimento e pelo som que convém (de suspense, tristeza, ação, humor, etc). Tratam-se de estratégias utilizadas pelo telejornal que pretendem despertar emoções no público, induzindo-o a se identificar com o que é retratado.

Em uma reportagem do dia 30 de junho, é noticiado o assassinato de um homem com 20 tiros em Vitória. Logo no início, começa uma música de suspense, que procura criar uma sensação de inquietação ao telespectador. Em seguida, é apresentado o local do crime pela repórter, que diz que o lugar “Amanheceu com marcas de tiro, de sangue e com uma família marcada por uma realidade cruel”. É mostrada uma entrevista com



uma mulher, não identificada, que descreve a situação da região, marcada pela violência do tráfico. É feita a descrição do crime a medida que a repórter apresenta os locais. Tudo intercalado com o depoimento da mulher, que se emociona durante a entrevista. Depois, Amaro repete como foi o crime enquanto as imagens mostradas na reportagem são repetidas. Ele sempre manda parar as cenas para chamar a atenção do telespectador para algo e em seguida manda continuar (“Deixa fluir o sentimento”). E comenta sobre o caso, sobre os homens que assassinaram o rapaz, com expressões coloquiais e gírias como “acho que tinha vazado”, “sabe de alguma treta”, “os *cara chega tudo doido*”, etc.

Durante a análise, foi possível observar que, nas notícias sobre morte, há um ritual, uma estrutura perceptível em todas as reportagens. É mostrado o histórico da vítima e o histórico criminoso do culpado ou suspeito, o crime e a vida dos envolvidos são mostrados de maneira apelativa, com imagens do local e depoimentos dos familiares e amigos desesperados, emocionados. O cortejo fúnebre ganha espaço. O futuro que não se concretizará é destacado. Há também o depoimento das autoridades competentes, descrevendo o crime, as suspeitas ou a linha de investigação. Tudo isso alternado pelos comentários e julgamentos de Amaro Neto, e acompanhado pela repetição de imagens e recursos sonoros que caracterizam o grotesco, a dramaturgia, o espetáculo dos acontecimentos. Amaro Neto tem a tarefa de estender durante um longo tempo, com muito drama, a discussão sobre determinadas reportagens e imagens.

Também foi constatada a novelização dos fatos. Os telespectadores são conduzidos a esperar as cenas dos “próximos capítulos” do crime. E de fato, esperam. Nas edições analisadas, houve um caso noticiado por três dias⁴ seguidos. Um lanterneiro foi baleado em uma oficina durante seu turno de trabalho no norte do estado. No primeiro dia, foi noticiado a tentativa de homicídio, o depoimento das autoridades envolvidas, do dono da oficina e que a vítima estava gravemente ferida no hospital. Posteriormente, no dia seguinte, Amaro anuncia a morte do homem e comenta mais sobre o caso e a investigação da polícia. No terceiro dia, a morte ainda é tratada como um mistério. Dessa forma, o telespectador fica na expectativa de saber o desfecho do caso. Trata-se de mais uma estratégia do programa de garantir a audiência.

Um outro exemplo é um caso de assassinato de uma mulher dentro de sua casa, em São Marcos 3. A matéria é exibida por dois dias (18 e 19 de junho). No primeiro, é

⁴ Notícias dos dias 15, 16 e 17 de junho de 2015.



apresentado o caso, onde a morte é tratada como mistério. No segundo dia, são mostrados os suspeitos do crime e a possível motivação.

Também foi possível identificar uma diferença de tratamento e exposição das mortes. Há um maniqueísmo, uma divisão entre as pessoas de bem, de inúmeras qualidades, e os criminosos, de inúmeros defeitos. O programa não se interessa em procurar ou expor o que poderia ter levado o criminoso a cometer tal ato, a se envolver com determinado crime, por exemplo. Se a vítima era uma “pessoa de bem”, sua morte é tratada com pesar, tristeza e revolta. Contudo, se era um criminoso, a morte é tratada com descaso, certas vezes julgada como merecida e, se ligada com determinado crime, totalmente banalizada.

No dia 15 de junho de 2015 foi noticiado no Balanço Geral a morte de um homem que assaltava um supermercado em São Paulo, quando um policial que estava no local reagiu e atirou. Amaro Neto utiliza termos como “vagabundo”, “gatureba” e “caboclo” para descrever o assaltante. Para anunciar a morte do criminoso, diz que ele foi “para a vala”, que ele recebeu “um presentinho do capeta” e que ele “vai pro inferno”. Por outro lado, descreve o policial como “bicho doido”, “bicho solto”, por ter a rapidez e destreza em empurrar uma criança para trás para defendê-la (o que é bastante enfatizado na reportagem) e render o assaltante. Depois disso o foco é desviado e o apresentador faz piada com a distração de uma mulher que não percebeu o que acontecia até o momento do disparo. Amaro chega a compara-la com o seu tio. Portanto, a morte do assaltante é banalizada pelo fato dele estar cometendo um crime quando foi baleado e pelo autor do disparo ter sido um policial, que, para defender a si e as pessoas no local, atirou.

Por outro lado, no dia 16 de junho, por exemplo, foi noticiada a morte de uma jovem que teve o corpo arremessado de um ônibus. Na reportagem, o apresentador conta o caso e diz que a família e os amigos da jovem estavam inconformados com o ocorrido. Em seguida, a repórter fala mais sobre a jovem enquanto a foto dela é mostrada. Depois é exibida uma entrevista com o pai da vítima, emocionado. Também é narrado o último trajeto da jovem, o que aconteceu no ônibus e, após, são expostas mais duas entrevistas com uma amiga da vítima e testemunhas que acreditam na falta de cuidado do motorista e negligência da empresa. Em seguida, a repórter conta quais eram os sonhos da vítima e é mostrada novamente a entrevista com o pai. Um vídeo da jovem cantando também aparece na matéria.

Percebe-se o tom apelativo dessa reportagem, que procura levar o telespectador a se emocionar e se indignar com a morte. O depoimento emocionado do pai e a repetição



disso enfatiza o espetáculo que é a matéria. É nítida a diferença na abordagem da morte do assaltante, que é ridicularizada e banalizada, com a da jovem estudante que é dramática, extremamente apelativa e, portanto, espetacularizada.

Outro exemplo, do dia 29 de junho, mostra um acidente que ocorreu na Rodovia do Sol, em Vila Velha, no dia 27, que resultou em quatro mortes. Na reportagem, Amaro diz que o acidente “deixou todos consternados”. São mostradas as imagens do velório, com os familiares e amigos chorando e se consolando; fotos de algumas das vítimas, que são identificadas por nome, idade e profissão; e imagens do momento do acidente. Amaro comenta as condições da rodovia e, por fim, deseja “os sentimentos” às famílias. Em casos de acidente, quando as mortes são por fatalidade, são apontados os problemas das rodovias e ruas em que ocorrem os acidentes. Já quando as mortes são causadas pela imprudência de alguém, isso é ressaltado.

Nos crimes relacionados ao tráfico de drogas há um discurso que reforça que os sujeitos que se envolvem com o tráfico de drogas têm a vida destruída, que não têm outro caminho a seguir que não seja a prisão ou a morte. Se a pessoa assassinada, por exemplo, tiver algum antecedente criminal que envolva o tráfico, sua morte é banalizada pelo simples fato das pessoas já “esperarem” que isso acontecesse. Hall (2003) aponta que:

[...] o que os códigos naturalizados demonstram é o grau de familiaridade que se produz quando há um alinhamento fundamental e uma reciprocidade [...] entre os lados codificador e decodificador de uma troca de significados. O funcionamento dos códigos no lado da decodificação, irá frequentemente assumir o status de percepções naturalizadas (HALL, 2003, p. 393).

Entretanto, vale ressaltar que a banalização da morte não se dá somente por aí. Guy Debord (2003), diz que “a aceitação beata daquilo que existe pode juntar-se como uma mesma e única coisa à revolta puramente espetacular: pelo simples fato de que a própria insatisfação se tornou uma mercadoria [...]” (DEBORD, 2003, p. 42). Ou seja, a morte se torna banal pois a insatisfação com os crimes também é espetacularizada pelo telejornal. Já Bourdieu afirma que, no telejornalismo,

Para ser o primeiro a ver e a fazer ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros, acaba-se por fazerem todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização (BOURDIEU, 1997, p. 27).

O que se quer dizer é que as notícias têm prazo de validade. E na rápida busca por novos fatos, os telejornais acabam por cair na armadilha de tratarem os assuntos de forma vazia, apenas registrando, sem de fato informar sua relevância.

No Balanço Geral ES, a morte é espetacularizada, porém também acaba por ser banalizada, uma vez que as notícias da finitude humana são tão noticiadas no cotidiano das pessoas, que os telespectadores acabam por tratar com indiferença, como algo comum, corriqueiro. Daí a necessidade do programa em apelar cada vez mais nas emoções do público, para atrair sua atenção, obter sua fidelidade, pois:

As pessoas “olham” (assim como se mira o ambiente ao redor) mais do que “vêem alguma coisa” na televisão [...] E como a realidade das imagens é descorporificada, sem profundidade simbólica, o choque do grotesco, pregnante em sua evocação vitalista da corporalidade, excita o olhar do espectador (SODRÉ, PAIVA, 2002, p.140).

Os fatos são transmitidos de maneira sensacionalista, isto é, as notícias são apelativas, sem profundidade. Tudo se torna um espetáculo que obtém a atenção do telespectador, uma vez que este apenas “absorve” o que é mostrado sem de fato interpretar. Além disso, Sodré e Paiva alegam que os telejornais possuem uma espécie de contrato com a audiência. Ele oferecem “aquilo que o público deseja ver [...] A audiência, entretanto, não é vítima, e sim cúmplice passivo de um ethos a que se habituou” (SODRÉ, PAIVA, 2002, p. 133).

A morte do cantor sertanejo Cristiano Araújo, noticiada pelo Balanço Geral ES no dia 24 de junho, é um bom exemplo da morte como espetáculo e banalizada. O que mais se viu na mídia televisiva foi a repercussão desse caso. A figura carismática, a carreira em ascensão, o sucesso com os fãs eram constantemente exaltados. Imagens de filas desses fãs para ver o caixão, da multidão acompanhando o enterro, têm mais apelo emocional do que valor informativo. Além disso, é fato que a morte de uma figura pública tem muito mais impacto sobre os telespectadores do que a morte de um anônimo. A não ser, é claro, que esta última fuja da normalidade, apresente algo extraordinário.

Considerações finais:

A televisão é um importante meio que merece ser analisado, uma vez que é um instrumento de grande abrangência, capaz de influenciar uma significativa parcela da



população, e que é rico em recursos de produções de sentido espetacularizados. O telejornalismo, de grande destaque nas emissoras televisivas, está inserido nesse meio e vem passando por grandes transformações, incorporando elementos sensacionalistas em sua programação de modo que possa obter a fidelidade da audiência nesse mercado de disputas em que o jornalismo está inserido.

O que visamos neste artigo foi a análise de como o telejornal Balanço Geral ES, considerado aqui um programa de caráter sensacionalista, representa a morte em suas matérias. Foi observado, através da análise da amostra coletada, que o programa é centralizado na figura do apresentador Amaro Neto. Ele determina o tom do programa. Sua performance cênica, sua postura descontraída diante do público é uma estratégia de aproximação com a audiência. O Balanço Geral ES trabalha com o apelo emocional, com a dramatização exacerbada dos fatos. Dessa forma, verificamos que nosso objeto de estudo enfoca de forma espetacularizada questões ligadas à finitude humana.

É o espetáculo, o extraordinário, que atrai a atenção dos telespectadores. A violência midiática é imprevisível e chama a atenção do público, penetra sua intimidade quando causa comoção, quando choca. Isso não quer dizer necessariamente que as pessoas têm prazer em assistir a morte, as atrações mórbidas, mas que também podem se identificar a partir do momento em que se colocam no lugar das vítimas, em que pensam que tal crime poderia ter acontecido a si próprio ou a algum ente querido.

Contudo, a cobertura espetacularizada da morte é superficial, apresenta um discurso vazio, uma vez que se detém somente no impacto que são capazes de causar nos telespectadores. Ao mostrarem detalhes dos crimes, como o desespero dos familiares, o histórico das vítimas e os sonhos que ela deixou para trás, além da novelização, do sentimento de curiosidade que pretende despertar no telespectador quando um caso não é solucionado, o programa procura atrair a atenção da audiência. Porém, deixa de lado a clareza e relevância dos fatos. A morte é, então, banalizada. Principalmente, quando se trata da morte de criminosos.

É preciso que a abordagem da morte vá além disso, principalmente se for levar em conta que muitos telespectadores podem não ser seduzidos por essa espetacularização e repugnar assistir ao grotesco dos crimes noticiados. Surgem, então, os questionamentos da credibilidade e qualidade dos telejornais que integram, em seu dever de informar dentro dos padrões éticos e morais, traços sensacionalistas. O fato é que as coberturas espetaculares sobre a morte deveriam se adaptar aos pilares do fazer jornalístico, ou



seja, apresentar os fatos com nitidez e compreensão dentro dos parâmetros do papel social do jornalismo na sociedade.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão** seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. Telejornais: quem dá o tom?. In: GOMES, Itânia Maria Mota. (org.). **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 61-74.

FRANÇA, Vera. "O 'popular' na TV e a chave de leitura dos gêneros". In: GOMES, Itânia Maria Mota (Org.). **Televisão e Realidade**. Salvador: Edufba, 2009, p. 223-239.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987.

GOMES, Itânia Maria Mota. (Org.). "Metodologia de Análise de Telejornalismo". In: GOMES, Itânia Maria Mota. (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

HALL, S. Codificação/ decodificação. In: Liv Sovik .(Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MARTÍN –BARBERO, Jesús Martín. "América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social". In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.